



## Augusto de Campos: Constelação

Beatriz H. Ramos Amaral<sup>1</sup>

São belas as cinco décadas que medeiam o meu primeiro encontro com o poeta Augusto de Campos e os dias de hoje, em que tenho a alegria de sua amizade e da doce Lygia Azeredo Campos. Este primeiro encontro ocorreu em minha infância, em casa de meu tio-avô paterno, Edgard Braga, também poeta e médico.

Aos oito, nove anos de idade, em 1969, 1970, eu frequentava a casa de meu tio, principalmente nas datas comemorativas, como nos aniversários, no Natal, às vezes no réveillon e outras ocasiões, levada por minha mãe, Elza A. Ramos Amaral, que o adorava (ela e meu pai, Oscar Barreto Amaral, haviam sido confidentes de Braga e seus grandes amigos)

Edgard Braga morava no bairro de Higienópolis, como nós. Eu, que nascera por suas hábeis mãos, já escrevia pequenas histórias desde os seis anos e tinha especial fascínio por criar personagens. Era aluna do terceiro ano do Colégio Nossa Senhora do Sion, no mesmo bairro e estava começando a estudar violão erudito. Mas ainda não conhecia a poesia contemporânea, que vim a descobrir sozinha, espontaneamente, nos livros das estantes de minha mãe, que possuía obras de poesia concreta, especialmente de Edgard Braga, ao lado de obras de João Cabral de Melo Neto, Cecília Meirelles, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, entre outros.

Lembro-me da figura física elegante e discreta Augusto de Campos, na sala do apartamento de meu tio, ao lado de seu irmão Haroldo de Campos, entre tantos outros amigos que ali se reuniam, como Pedro Xisto, Décio Pignatari, entre muitos outros. Augusto sempre teve lhaneza em plenitude e isto o destacava e até hoje o

destaca. Era o mais alto do grupo. Chamava a atenção seu modo delicado e compenetrado.

Alguns meses depois deste primeiro encontro, tornei-me uma criança sabedora da existência do movimento da poesia concreta e conhecedora de alguns poemas, livros e revistas, que produziam em mim total encantamento e grande vontade de viajar pelos fios do universo do experimentalismo, sobretudo pelo caráter lúdico e polissemia.

Fiz a relação entre o poeta Augusto de Campos e o amigo de meu tio-avô e senti o desejo de me aproximar. Entretanto, minha mãe explicou-me que "eu era uma criança" e que deveria ficar com as outras crianças da casa e não importunar os poetas amigos de meu tio-avô. Ocorre que, como eu era uma criança tímida, segui fielmente a recomendação materna, embora inconformada.

Meu desejo de aproximação da poesia e dos poetas contemporâneos era intenso. A vibração das palavras, das sílabas, dos grafemas já era forte dentro de mim. Creio que o fato ter sido alfabetizada pelo método Montessori deu-me esta dimensão da autonomia dos sons, dos grafemas.

A taticidade dos grafemas que manuseávamos parece-me hoje um elemento importante na minha descoberta da poesia e, principalmente, no processo de criação e de construção de poemas. Na taticidade, está a concretude e a gravidade. É a música e a visualidade palpável da poesia e do ato poético.

Na adolescência, ainda tímida, comecei a trocar algumas palavras muito rápidas com os amigos de meu tio. Eu falava e me afastava. Mas lia e escrevia muito. Rasgava, escrevia. Lia, lia e relia. Os estudos de música iam se intensificando. Instrumento – violão erudito - harmonia, teoria musical. A frequente ida a museus, a exposições de artes plásticas, artes gráficas, a salas de concerto, cinema e teatro eram hábitos de minha mãe nos quais ela me inseriu desde muito cedo e que despertaram, casa vez mais, a minha sensibilidade e a vontade de criar, produzir, me expressar em algumas linguagens estéticas.

Aos doze anos, escrevi meu primeiro poema. Muitas influências de escolas literárias estavam presentes, mas, neste amálgama de características, nadcia algo que era meu, pois isso era dito pelos amigos, pelos professores, que eu estava construindo

uma linguagem própria. Escrevi muitos poemas de “feição” concertista com grande alegria. Aos treze, catorze, quinze anos. Certamente constituíram parte muito significativa do meu processo de formação, mas também escrevi um romance, aos quinze, dezesseis anos. E tinha tinha, escondidos, meus “cadernos de sonetos” e de “poemas livres”. Cheguei a compor duas músicas, no período de juventude, o que só retomei recentemente.

Já na faculdade, cursando duas ao mesmo tempo - Direito, na USP e Música na FASM – a extroversão foi nascendo em mim. Passei a frequentar os lançamentos de livros e palestras de Haroldo de Campos e Augusto de Campos e ficava muito alegre com a chegada dos convites, que Carmen de Paula Arruda nos enviava, sempre dizendo para Elza: “acho que a Bia vai gostar, haverá uma performance, uma mesa de debates”. Eu realmente voltava transformada e revigorada de cada uma destas noites especiais, pois tinha minha sede de invenção alimentada pelas melhores fontes. Com Augusto e Haroldo, muitas vezes estavam Caetano Veloso, Omar Khouri, Andre Sanches Robayna, Néelson Ascher, Horácio Costa, Conrado Silva, Time Ohtake. Muitas décadas. Muitas ideias. Ebulição de criatividade. Invenção.

E lia, com imenso prazer, as obras ensaísticas de Augusto e de Haroldo e suas traduções e transcrições. Fiz um curso de crítica literária por minha conta com a profundidade destas leituras.

Para mim, era a descoberta da invenção. Da poesia de invenção. Da música de invenção.

Era um mundo se abrindo para a minha juventude. Na FASM, Conrado Silva e Hans-Joachim Koeullreutter lecionavam, na época de minha graduação. E, na FADUSP, tive o grande privilégio de ser aluna de Celso Lafer e de ter assistido à posse, como Professor Titular, de Tércio Sampaio Ferraz Júnior. Eles faziam a conexão entre o Direito, a Filosofia, a Sociologia, a Literatura, a Semiótica. E o mundo, finalmente, começava a fazer sentido, para mim. Cada vez mais.

Comecei a publicar meus livros nos anos oitenta. A presença de Haroldo e Carmen e de Augusto e Lygia, em vários dos meus lançamentos, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, no MIS – Museu da Imagem e do Som, na FNAC, na Livraria Pulsional, sempre me fazia transbordar de alegria. Era e é uma

validação importante para o meu trabalho, além de prova de amizade e reconhecimento. Muita alegria realmente. Meu coração transbordava e hoje também transborda.

Em 1997, completou-se o centenário de nascimento de meu tio, Edgard Braga. Solicitei espaço e datas no Auditório principal da Biblioteca Mário de Andrade, na Secretaria Municipal de Cultura e realizei um evento multimídia em homenagem a ele. Coordenei mesas de debates e depoimentos. Fizemos uma exposição de poemas.

Augusto de Campos participou da primeira noite, dividindo mesa comigo, ao lado de Arnaldo Antunes. Na outra noite, Haroldo de Campos e Omar Khouri. E performances de Walter Silveira, Tadeu Jungle e Lenora de Barros. Foi maravilhosa a homenagem. E, para mim, uma grande honra ter a presença destes convidados – todos amigos de Edgard Braga - entre eles Augusto de Campos.

A minha conexão com a poesia se fez alimentar pelas obras de Augusto, pelos poemas, pelas traduções, por seu trabalho verdadeiramente verbivocovisual, pelas infinitas audições do belíssimo CD “Poesia é Risco”, dele e de Cid Campos. Pela leitura de seu livro sobre Patrícia Galvão, a Pagu. Pela leitura de “Música de Invenção. De “O Anti-Crítico. Dos poemas de “Não”. Pelos “Ex-Poemas”. Pelos “Profilogramas”.

Seguiu-se o meu curso de Mestrado em Literatura e Crítica Literária, no qual escolhi como objeto de tese a obra de Edgard Braga. Quando defendi a dissertação, um editor, presente, à sessão pública de defesa, quis imediatamente encaminhar para publicação. Endosso expressivo da PUC, que a indicou como a melhor dissertação defendida entre 2003 e 2008 para a ANPOLL.

E “A Transmutação Metalinguística na Poética de Edgard Braga” foi publicada pela Ateliê Editorial, do competentíssimo Plínio Martins Filho, na coleção estudos literários, em 2013. Tive a felicidade de receber um prefácio de Augusto de Campos, além dos textos de apresentação de minha orientadora, Olga de Sá, e de Maria José Palo.

E, no dia do lançamento, em abril de 2013, Augusto deu-me a alegria de aceitar meu convite e participou da noite, dizendo algumas palavras muito especiais sobre seu amigo Edgard Braga. Ele e Cid Campos fizeram leituras de poemas de Braga. A leitura do poema “Limite do Olho”, de Braga, pelos dois, foi um momento estético

raro em minha vida. Jamais me esquecerei desta alegria que pudemos construir juntos – honra imensa para mim – para a preservação da memória do artista extraordinário que é Edgard Braga, chamado por Haroldo de Campos de "Patriarca Semiótico".

Sempre vi e vejo o extraordinário e excepcional Augusto de Campos – simplesmente o nosso querido Augusto – como uma constelação de sons, grafemas, ideias e poemas, elementos estelares e galácticos capazes de nos fazer sentir integrados ao que de melhor podem produzir a inteligência e a sensibilidade humanas. Celebro o privilégio de todos os meus encontros com Augusto e a dádiva que me é esta amizade.

---

<sup>i</sup> Doutoranda em Comunicação e Semiótica e Mestre em Literatura pela PUC-SP, graduada em Direito pela USP e em Música pela FASM, poeta e ensaísta, autora de vários livros de poesia, contos, crítica literária, romance, ensaio. Participa de dezenas de coletâneas no Brasil, em Portugal, França, Argentina, Estados Unidos e Itália.